EXPEDIENTE.

Pelo Sr. Administrador Franscisco de Senna Fernandes nos foi remettido o *mappa do movimento da população nos annos de* 1841 *e* 1842 *no seu bairro de Alfama.*

Convencidos da absoluta necessidade, que temos de statisticas, e desejosos de concorrer por nossa parte para que as haja, temos até hoje publicado quantos mappas, ainda de pequenos districtos, se nos remetteram, com o intúito de espertar com esses exemplos e documentos de zêlo a curiosidade de outros e contribuir para se irem successivamente augmentando os dados exactos para futuros e importantissimos actos legislativos e administrativos. Era ajunctar pedra sôlta para a construcção de um grande edificio.

Reflectindo todavia em que um periodico hebdomadal e curto como este, não póde, sob pena de ruina, metter em si artigos, que ainda que uteis nos juizos dos homens de estado, são nada menos preteridos como fastidiosos pela quasi totalidade dos leitores, declaramos que de hoje ávante nunca mais estamparemos taes mappas. Seus auctores facilmente os poderão vulgarisar pelo Diario do Governo, onde vão mui proprios, ou por outra qualquer das folhas quotidianas e politicas.

A esta razão geral accresce em particular contra o do nosso amigo o Sr. Senna Fernandes, o ter elle já saído em algum outro jornal d'esta cidade. Com a superabundancia, que sempre tem de materias originaes, a Revista Universal Lisbonense, não deve nem póde occupar-se em reimprimir.

CONHECIMENTOS UTEIS.

CULTURA DA SEDA.

I.

Introducção.

1848 Principalissima entre as nascentes de publica riqueza em alguns reinos da Europa é a cultura da seda. Por isso pessoas muito illustres de geração e de sciencia voltaram para ella os animos e estudos, e dictaram theorias e preceitos para a melhor creação dos bichos. Entretanto não poucas vezes estes benemeritos dos povos, deixando-se levar do seu ingenho, e enredando-se em hypótheses erraram os caminhos positivos da natureza, e prepuzeram, por melhoramentos, alvitres falsos ou impossiveis.

Magôa-me ter de incluir no numero d'estes o nome dos condes *Dandolo*, e *Verri*. Mas tem a experiencia mostrado, que todos os que se governam pelos preceitos d'aquelles dois auctores, aliás illustrissimos, no tocante ao cultivo das amoreiras e creação dos bichos, saem ao cabo com as suas formosas esperanças burladas e as suas muitas despezas, assim de dinheiro como de tempo, perdidas.

A natureza, attentamente observada, devia ser sempre a nossa guia, quer nas coisas do mundo politico e moral, quer nas do mundo physico.

¡Que de pleitos se não avolumam, diz o grande Galileo, para interpretar algumas palavras ou phrases de testamentos, e que deixariam de existir se o testador vivesse e podesse explicar a sua vontade e o sentido das suas expressões! Assim é loucura andar esquadrinhando o sentido das coisas da natureza nos escriptos de tal ou tal philosopho, em logar de ir logo procural-o nas obras da mesma natureza, que está sempre viva e em actividade, patente aos olhos, verídica e immutavel.

Tenho para mim que ao publico portuguez illustrado, e particularmente á classe dos agrónomos, não serão desacceitas algumas observações que lhes hei-de apresentar, fructo de vinte annos de experiencia minha na cultura das amoreiras e creação dos bichos da seda.

—

Aponta o conde Dandolo, na sua obra sobre a arte seropédica, ter sido, na parte meridional do imperio chin, conhecida e praticada a creação dos bichos antes da era vulgar 2700 annos. E que da China passára para a India, Persia e ilha de Cós.

Raynal na sua historia philosophica attribue a invenção a uma mulher do imperador *Ho-ang-ti*, accrescentando que no interior de seus paços se achava um immenso jardim inteiramente povoado de amoreiras, d'onde a imperatriz ía em pessoa todos os dias com a comitiva de suas damas á apanha das folhas, que ellas mesmas por suas mãos lançavam a uma innumeravel familia de bichos de seda, que traziam a seu cargo. E tamanha era a conta, em que n'aquellas terras haviam esta industria, que mandava a lei se castigasse com a morte a quem quer que tentasse levar das sementes do bicho para fóra do reino. Mas no seculo V governando em Constantinopla Juliano, conseguiram dois missionarios dar mate á vigilancia dos chins, e dentro em uns bordões furados trouxeram para a mesma cidade de Constantinopla uma boa quantia de sementes, com a noticia pratica do modo de tractar o bicho, e fiar os casulos.

Refere Procopio que em seu tempo custava tanto a seda como o oiro: e na lei *Rodia* se diz: seda e oiro o mesmo valem.

De 1130 a 1143 Rugeiro, rei da Sicilia, andando em guerra contra Comneno, imperador do Oriente, appossou-se de Athenas, e de outras muitas cidades da Grecia, d'onde tornando-se para Italia trouxe a ella a arte de crear os bichos e fiar a seda.

Não foi senão por occasião da entrada de Carlos VIII na Italia, que esta arte se introduziu no meridional da França; e não ha muitos annos que ainda nas visinhanças de *Montélimart* se via uma agigantada e veneranda amoreira, que a tradicção dá por ter sido plantada logo depois que em França tornou a entrar aquelle principe bellicoso.

Só porém no reinado de Luiz XIV, e sendo seu ministro Colbert, é que a arte seropédica, e o fabríco da seda tiveram n'aquelle reino um crescimento grande, e chegaram a competir com as magnificas fabricas de Florença, Genova, e Milão.

Segundo uma relação do ministro Chaptal em 1811 produziu então a França obra de um milhão de libras de seda por anno; e outro tanto em rama para o tráfego de suas fabricas lhe acudiu da Italia, Levante e Bengalla.

O reino lombardo-veneziano, que é apenas um quarto da Italia, expediu em 1832 — 4.530:565 libras de seda, e em 1834 — 5.339:100. — Calculam que o producto liquido da seda em bruto, exportada do reino

lombardo-veneziano, sóbe, termo médio, á espantosa quantia de 17 milhões de duros ou passante de 35 milhões de cruzados.

Á vista de taes factos, não ha que admirar ter a maior parte dos governos da Europa tomado a peito alentar ramo de industria, que tanto fructifica e rende para os povos. Os americanos do norte, como aquelles que tão bem sabem calcular conveniencias e crear riquezas, ha já annos, que se teem mui de véras applicado a este fabríco. Lá, povo e governo porfiam a qual melhor ha-de promover a bella arte seropédica; e já em verdade aquelles estados se podem contar em o numero dos que mais se estremam pela perfeição de suas sedas.

Luiz Walter Tinelli.

TECHNOLOGIA.

PRESERVATIVO DO FERRO CONTRA A FERRUGEM.

1849 A acção do ar e da agua sobre o ferro, corroe-o, gasta-o, e redul-o a pó. Sempre se tem lastimado a pouca duração do ferro comparativamente á fortaleza d'elle, mas presentemente que este metal é applicado a tão diversos e numerosos artefactos, quer fundido quer forjado, ainda mais era de sentir não haver meio d'evitar a sua oxidação, como se diria em phrase propria. Mr. Mallet, que tem apresentado á *Associação britannica para o progresso das sciencias*, differentes memorias sobre a damnificação do ferro, com mui scientificas e curiosas indagações sobre este objecto, descobriu ultimamente um methodo para o preservar do estrago da ferrugem.

Segundo Mr. Mallet o ferro fundido gasta-se menos que o forjado; e quanto mais se usa o ferro menos susceptivel é d'estragar-se. Esta ultima asserção prova-se pelo que se observa nos carrís das estradas de ferro: os que são mais corridos pelas carruagens de vapor, gastam-se muito mais lentamente do que aquelles que pouco ou quasi nada são frequentados. Na opinião de Mr. Mallet quanto mais puro é o ferro mais vagarosamente é corroido.

Mas voltando ao methodo para evitar ao ferro o enferrujar-se, consiste este em mergulhal-o n'um chlorido de zinco e ammoniaco, que o cobre d'uma capa subtil de hydrogenio, que augmenta a sua affinidade para o zinco. Ou tambem n'uma mistura de zinco, sódio e mercurio: e qualquer d'estes banhos são preservativos contra a deterioração, segundo as experiencias já feitas.

Como porém o ferro tenha pouca affinidade com o zinco, necessita-se primeiro d'uma preparação, que consiste em limpar bem a peça de ferro que se quer mergulhar, tirando-lhe todo o óxido que a cubra.

Outros dois methodos para o mesmo fim já n'este jornal ficam indicados nos artigos *140 e 28.

Silva Leal.

CARRUAGENS DE VAPOR.

1850 Postoque nós outros os portuguezes vamos na rectaguarda da Europa pela estrada infinita dos progressos materiaes, não havemos de ser tão pessimistas, que neguemos a boa carreira, que n'estes ultimos annos se tem dado. As máchinas de vapor já por ahi supprem braços em muita fabrica, já até se fazem em Portugal, e não tardará que a maior força da nossa industria se lhes veja commettida. Quanto aos caminhos já tambem o vapor nos serve muito pelos de agua, e para os de terra já algumas esperanças ao longe nos alvorecem. Julgavam-se elles até agora impossiveis; e duas eram, nos parece, as principaes causas d'isso. — Uma o custo dos caminhos ferrados, enorme para quem nem ainda para ter boas estradas ordinarias vê maneira: — e outra, a configuração montuosa de quasi todo o nosso reino. E não apontamos por terceiro motivo a inércia, que affirmam ter a nossa gente, porque essa, se existe, é effeito e não causa da falta dos caminhos. — A segunda difficuldade parece estar resolvida, e com ella o ficará a primeira.

De *Copenhagen* para *Korsen* estabeleceu-se agora um trânsito de vapor, segundo o sistema recém-inventado por um serralheiro sueco, chamado *Norrberg*.

As carruagens teem assentos para trinta pessoas, e por baixo um desvão capaz de todas as suas bagagens e mais fazendas.

As máchinas de vapor que as arrastam não excedem da força de oito até nove cavallos; e assim sobem e descem com muita facilidade as encostas, que não teem maior inclinação de trinta gráus. Sua velocidade é de trinta e cinco a quarenta minutos por milha allemã.

São aquellas as primeiras carruagens de vapor que rodam por estradas ordinarias e não ferradas.

Recommendamos aos ricos empreendedores, que olhem para isto com attenção.

PHOTOGRAPHIA.

1851 Debaixo da epigraphe de *Luz pintora*, se deu noticia, no artigo 1608 do presente volume em nosso n.º 32 de 27 de abril ultimo, de que finalmente se descobríra em Paris o methodo de se representarem as côres nos objectos daguerreotypados; hoje podêmos affirmar, que este formosissimo progresso de uma arte que tanto tem de assombrosa como tem tido de rapida, é já coisa corrente n'aquella capital da illustração e bom gosto. Os jornaes dizem-nos que os retractos assim coloridos rivalisam com os melhores da pintura. Em casa de M. Plumier, boulevart Bonne-Nouvelle n.º 9, é onde se tiram estes retractos, e onde diariamente concorre uma multidão de curiosos a vêl-os e admiral-os.

Todavia isto ainda não completava a perfeição da arte, nem satisfazia os desejos dos artistas. Estas côres são apenas resultado de uma preparação chimica applicada ás lâminas depois de fixados os traços do retracto; o que tem na verdade muitos inconvenientes. No *Constitutionnel* porém, de 11 do corrente, lemos o extracto de uma carta escripta do Piemonte, na qual se diz, que o Sr. Iller, artista de grande reputação, vencêra finalmente esta importante questão da arte, conseguindo reproduzir por meio do daguerreotypo, *as verdadeiras côres*, conjunctamente com a fidelidade das feições e exactidão dos contornos, e com a mesma instantaneidade ordinaria de trinta segundos. O retracto póde ser mettido n'agua ou em fogo, que não sofre a menor alteração em suas côres.

Teremos cuidado de informar aos leitores das ulteriores noticias que colhermos sobre este maravilhoso assumpto.

Silva Leal.

NOVAS PENNAS DE ESCREVER.

1852 Em Paris em casa do inventor Dorville, rua

des Torrés Montmartre n.º 6, e nas principaes lojas de papel das cidades grandes dos outros reinos; se vendem a 500 réis o cento umas novas pennas, que sendo ao mesmo tempo animaes e metallicas, nem por metallicas se enferrujam nem por animaes se estragam facilmente: são pennas de ganso como d'antes se usavam, mas bronzeadas. Sobre tudo as recommendam porque não espirram no papel, nem o rasgam.

PAPEL INCOMBUSTIVEL.

1853 Á chymica devemos receitas, mui preciosas para preservar do fogo a varias substancias: taes como as madeiras de construcção, e os pannos. Algumas d'ellas já n'este jornal estão archivadas. Agora vamos apontar outra para tornar incombustivel o papel, escripto, impresso, ou em que se haja de escrever ou imprimir, sem que se lhe altere a alvura nem outra alguma de suas qualidades, antes deixando-o com a operação mais formoso e melhorado. Molha-se o papel em dissolução de alambre uma ou duas vezes; deixa-se seccar, e está prompto.

DENTES ETERNOS.

1854 Por muitas vezes temos fallado a nossos leitores do admiravel methodo, inventado por M. Ganal para embalsamar assim os corpos humanos como os de quaesquer outros animaes: methodo que á facilidade e barateza reune a inappreciavel vantagem de não ser necessario tirar do cadaver as entranhas, e a outra ainda maior de lhes dar uma duração illimitada; mas se M. Ganal, preenchendo, como preencheu, tão admiraveis promessas para com os defunctos, conseguiu tamanha fama e gratidão — ¿que não merecerá agora M. *Leymarie* que, emvez de embalsamar finados, embalsama vivos? — Verdade é que por ora ainda não passou dos dentes, mas quando se reflecte, que de todas as partes do nosso composto mortal a mais mortal são os dentes, que raras vezes nos acompanham todos até ao sepulchro, que depois de longos padecimentos nos vão uns apóz outros desertando de suas fileiras, e que na extrema velhice nem um só d'elles permanece no seu posto, não haverá nem ainda nas classes inactivas, para quem os dentes pouco servem, quem deixe de tributar a M. *Leymarie* admiração e agradecimento.

Os dentes cariados, que este dentista embalsama, ficam exemptos de dôres e livres de jamais caír — diz o annuncio, allumiado n'esta parte, segundo parece, de luz prophética.

Do mesmo auctor se vendem um elixir e pós que applicados aos dentes sãos, como limpeza, os defendem de apodrecer. Mora M. *Leymarie*, em Paris, no Boulevard Montmartre n.º 3.

MEDICO DE SURDEZ.

1855 Do *Siècle* de Paris de 5 do corrente junho traduzimos o seguinte: —

«Lembrados estarão da admiravel cura, que disse«mos ter sido feita pelo Sr. Dr. *Deleau Jeune* a um «de nossos collaboradores totalmente surdo havia mui«tos annos. Este mesmo honrado medico obteve agora «uma estrondosa nomeada por outra cura ainda mais «notavel. Deu ouvido e falla a uma surda-muda de «onze annos de edade, que fôra entregue ao seu cui«dado pelo prefeito e o conselho geral d'Eure-et-Loir. «Temos á vista — continúa o redactor — uma curiosa «relação, onde vem todos os incidentes d'esta cura «maravilhosa.»

Não atinamos nós porque razão a não publicou. Se algum dia a colhermos, para o que vamos fazer desde já as nossas diligencias, dal-a-hemos á estampa para interesse da humanidade. Pelo mesmo motivo recommendamos desde já ao director da eschóla dos surdos-mudos da Casa-Pia de Belém, procure obter por todos os modos de Paris, e do proprio doctor, se outro meio não houver, a explicação de tão philantropica receita.

HISTORIA RESUMIDA DA INVENÇÃO E MELHORAMENTOS DAS MACHINAS DE VAPOR, PELO SR. VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO.

Capitulo VIII.

Máchinas de vapor de espirito de vinho com banhos de azeite.

(Vem de pag. 488.)

1856 I. — Deve-se a invenção d'estas máchinas a *M. Haward*, que obteve patente d'ella em 1825: são um pouco perigosas; mas acautelando bem todos os perigos talvez se possa ainda por seu meio resolver um probloma importantissimo, como é o de dar direcção aos balões aerostaticos; porque são as unicas máchinas que não precisam de carvão e podem-se fazer bastantemente leves.

As desimples pressão athmospherica teem o seguinte organismo. Dois cylindros de egual capacidade, communicando um com outro pelo fundo, e ficando á maneira de dois braços de syphão inverso, com tanto que a manilha de communicação tenha menor diametro que os cylindros. Um d'estes é munido de um êmbolo ordinario, cuja haste prende articulada á manivella motriz, e não é tapado para que o peso da columna athmospherica faça descer o predicto êmbolo depois de elevado até á parte superior do mesmo cylindro em que joga; a base d'este cylindro (quando o pistão toca no fundo) está cheia de azeite e bem assim a manilha de communicação e todo o outro cylindro gemeo até um pouco mais das tres quartas partes da sua altura. Na bocca d'este mesmo cylindro está unido um capacete por meio de *brides*, que o fecha hermeticamente. Bóia sobre o azeite um fluctuador metalico suspenso em tres boias metalicas ocas, e a meio d'elle corresponde um tubo vertical, que atravessa o capacete e na extremidade se abre em mão de regador com muitos orificios capilares. Este mesmo tubo prolongado vae ter ao deposito do espirito de vinho, aonde uma bomba alimentaria, movida pelo jogo da máchina, lh'o injecta para o fazer cair pela mão do regador sobre a área do fluctuador metalico. Do predicto capacete sae outro tubo ou manilha de expulsão do vapor, que vae ter a um condensador especial, quando o jogo da máchina faz abrir a válvula de expulsão e cerrar a de admissão, como nas máchinas de *Watt*. Ora, se o leitor compreende bem o que dicto fica, imagine agora que o cylindro do azeite tem por baixo da base (derredor da manilha de communicação) um circulo de luzes de corrente de ar e chaminé de vidro pelo systema de *Argand*, as quaes fazem aquecer o azeite, e como este liquido, e bem assim o oleo de linhaça, sómente principia a ferver na temperatura de 334 gráus e meio, e o espirito de vinho na de 77 e meio com pouca differença segue-se que o azeite póde tomar a temperatura de cem gráus sem ferver, e reduzir a vapor da tensão de $1\frac{1}{2}$ athmosphera o dicto espirito de vinho; n'estes termos e com estas disposições, a elasticidade do vapor alcoholico (ou do espirito de vinho) comprime o fluctuador e o azeite, e faz com que elle passe pela manilha de communicação e obrigue o pistão do cylindro gemeo a levantar-se, vencendo o pêso athmospherico. Em chegando á parte superior o dicto pistão, abre-se uma válvula, por effeito do jogo da máchina, e dá saída ao vapor pela manilha do condensador; — n'este estado de coisas o pistão desce carregado pelo pêso athmospherico, que é de 15 libras inglezas sobre cada polegada quadrada de superficie,

(polegada ingleza). D'esta maneira obtem-se uma força muito grande; porquê se o pistão tiver de diametro dois pés inglezes será a sua quadratura de cento e trinta e duas polegadas, d'onde se segue que o pêso athmospherico será equivalente á força de sessenta e seis homens calculada esta em 30 libras por cada um, com a velocidade de tres pés por segundo, e tempo de oito horas de trabalho.

II. — O condensador d'estas máchinas é mui diverso d'aquelles que tem as de *Watt;* compõe-se de muitos estreitos tubos rodeados de flanella, do comprimento de 6 até nove palmos, os quaes vão ter ao fundo de uma pequena caixa mergulhada em agua fria; a parte que está coberta de flanella fica fóra da caixa, exposta a pequenos jactos de agua, que o jogo da máchina lhe arroja, e bem assim a uma corrente de ar continua causada por abanadores, que são movidos pela mesma máchina, e resfriam as flanellas produzindo uma certa evaporação.

O vapor alcohólico assim se condensa nos tubos e vae enchendo a pequena caixa sobredicta, d'onde a bomba alimentária o torna a tirar para fazer saír pela mão de borrifador sobre o disco do fluctuador que anda sobre o azeite, e d'esta fórma se completa a circulação d'esta especie de sangue mechanico. — Evidentemente se conhece que se póde gastar alguma pequena porção de espirito de vinho reduzida a vapor, que escapa pela válvula de segurança, o que raras vezes se realisará, visto poder-se regular muito bem a temperatura do azeite por meio de um thermometro n'elle mergulhado na parte do indica dor que tem por fóra do cylindro. Tambem é possivel que se perca algum azeite reduzido a vapor, e que vá de mistura com o alcohólico; porque todos os liquidos se evaporam mais ou menos a todas as temperaturas; porém estas perdas são muito insignificantes, e faceis de reparar.

III. — Aqui temos pois uma máchina de vapor propria para applicar aos balões, capaz de fazer mover com muita força grandes azas que os possam levar na direcção desejada, salvo sómente contra ventos muito fortes: por ora parece isto um sonho; mas tambem assim pareceram as idéas de *Oliveiro de Evans*, de fazer mover as carruagens e os barcos Não é sonho, não; já os jornaes d'esta côrte annunciaram que se estavam fazendo tentativas d'isto na Allemanha, e tal noticia vinha acompanhada de uma facecia satyrica: é mais facil dizer um chiste do que fazer uma máchina.

Os balões podem ter a figura que se quizer, uma vez que vão cheios de gaz hydrogenio; a de um peixe é a melhor de todas; porque a cauda serve de leme, dando-lhe o movimento necessario para os lados; as barbatanas podem ser azas, como as dos peixes voadores, de que andam cheias as aguas maritimas do Cabo de Sagres, e a cabeça rompe melhor o ar. Se os balões teem tido, e conservam ainda, a figura de um globo é porque *Jacob Estevam de Montgolfier*, vendo por acaso, elevar-se ao ar uma saia branca de sua mulher, que se estava enxugando sobre uma campanula de grade de vimes, que encerrava um fogareiro, inventou os dictos balões d'essa mesma fórma, e depois os reduziu á de um globo, para lhe suspender por baixo de uma abertura circular um pequeno brazeiro, cujo fogo podesse conservar quente e rarefeito o ar interior por alguns minutos: esta invenção e aperfeiçoamento succedeu no anno de 1783, e por ella mereceu ser associado á Academia Real das Sciencias de Paris, obteve a condecoração do Cordão da ordem de S. Miguel, e uma pensão annual de duas mil libras francezas (*).

Postoque esta singular invenção seja muito moderna, e se ache ainda no estado da infancia já se tem feito balões, ou verdadeiramente aerostatos de outras muitas figuras, navios; homens; dragões; passaros etc.

VI. — O ar athmospherico pesa pouco; mas assim mesmo o peso de um pé cubico (portuguez) é de uma onça tres oitavas e tres grãos, e por isso tamanho póde ser o dicto aerostato, e deslocar tanto ar que a differença do peso especifico d'este para a do gaz hydrogenio seja muito consideravel e capaz de elevar a máchina de vapor acima descripta, os seus provimentos e mais 8 homens com mantimentos para um mez de jornada. Não vejo causa nenhuma physica que possa obstar a isto, porque as camadas de ar, desde a terra até aos limites da athmosphéra tem diversa densidade, como de 1 para quasi 4000, e por isso o aeronauta póde-se conservar nas primeiras camadas ahi pela altura de 3 a 4000 pés sobre o nivel do mar. Por via do machinismo das azas (se forem bem combinadas e bem feitas) póde elevar-se ou baixar-se á terra; póde andar para diante, parar, e retrogradar; póde vencer os brandos ventos, e contra os fortes abrigar-se detraz das montanhas, ou deitar uma ancora com cordão de seda; póde emfim dentro da sua barquinha preparar quanto gaz hydrogenio lhe fôr preciso para reparar as perdas do aerostato: porque para isso nada mais precisa do que de raspas de zinco, agua e ácido sulfurico. A barquinha, feita como é de costume, de materiaes muito leves, póde tornar-se incombustivel por via da immersão em agua saturada de sulfato de alumina; os perigos da explosão do vapor alcoholico podem-se acautelar fazendo abrir a válvula de segurança dentro de um tubo recurvado e mergulhado na agua; os do incendio do gaz hydrogenio evitam-se dando maior extensão á corda que sustenta a barquinha presa no aerostato; porque o gaz hydrogenio, como é muito leve, sóbe e se eleva com rapidez assim que a dilatação o faz saír pela trompa. N'estes termos ainda os homens poderão dominar os elementos aerios, atravessar sem receio os paizes inimigos, zombar dos exercitos e das muralhas, e talvez os aerostatos virão a ser com o tempo as mais terriveis máchinas de guerra; porque ninguem poderá evitar que lá do dominio das aguias deitem materias incendiarias sobre as cidades, e que se aprumem com as náus de linha dentro dos portos e as incendêem.

(Continuar-se-ha.)

(*) Nós deprimidos portuguezes é que fomos os primeiros inventores dos aerostatos, como o nosso academico o Sr. Freire demonstrou na sua Memoria lida na sessão magna da Academia Real das Sciencias d'esta côrte, que ha pouco foi celebrada. O leitor curioso achará os calculos precisos para fazer os balões e pára-quédas na traducção da Chimica de Mr. Payen por A. L. de B. Gyrão, anno de 1834 — pag. 113 e seguintes.

SISTEMA PENITENCIARIO.

Um assignante d'esta folha nos envia o seguinte artigo, e promette continuar em outros um assumpto geralmente havido hoje no mundo por um dos mais importantes para a humanisação e felicidade íntima dos povos.

—

1857 É hoje de todos reconhecida a necessidade de acabar com o sistema que tem regido as cadêas até aos nossos dias. A reforma penitenciaria chegou ao seu estado normal de sciencia positiva; já todos os escriptores e todos os governos concordam no fim principal, que é a emenda radical ou pelo menos relativa dos presos; já não ha divergencia de opiniões ácerca das regras mais geraes, que devem regular as cadêas destinadas para os capturados antes da sentença, e as designadas para os que já tiverem sido julgados. Nas primeiras exige-se a mais escrupulosa cautella para que se não corrompam aquelles que por ventura ainda não estejam de todo viciados; e tambem se deve evitar qualquer severidade, que pareça castigo contra individuos, cuja culpa ainda não está provada. Nas segundas o tractamento dos presos deve ser modificado pelo tempo de prisão a que forem condemnados. Devendo ser de longa duração, emprega-se junctamente a acção moral e material, tracta-se de habituar o preso ao trabalho, e ensina-se-lhe um officio, caso elle não saiba algum; devendo ser por pouco tempo, o rigor augmenta, porque havendo menos tempo para a acção moral, a disciplina mais aspera serve para atemorisar, e é um meio proprio para enfrear os novos impulsos ao crime.

N'estes principios prendem regras geraes em que egualmente todos estão concordes, 1.ª separar os presos de sexo differente; 2.ª apartar os moços dos homens feitos.

No methodo de fazer a applicação d'estes principios é que se apartam muito as opiniões; o que tem produzido differentes sistemas. Apontarei aqui as feições mais salientes dos que estão em vigor.

O sistema americano tem por fundamento o obrigar o preso ao trabalho e ao silencio. Este sistema tem tres subdivisões.

I. O sistema d'Auburn, cujas regras principaes são:

1.ª A separação de noite, e reunião de dia para o trabalho, em ranchos vigiados por guardas; 2.ª o silencio: 3.ª todo o producto do trabalho é para o estado; 4.ª pequenas recompensas para aquelles que teem bom comportamento; 5.ª castigo de açoites para os mal comportados; 6.ª nenhuma especie de classificação; 7.ª eschóla nos dias sanctos; 8.ª instrucção religiosa; 9.ª tractamento moral unicamente confiado aos directores das prisões; 10.ª nenhum dinheiro á saída, sómente um pequeno auxilio para poder viver nos primeiros dias de liberdade.

II. O sistema da Pensilvania ou da Philadelphia, cujas regras principaes são as que se seguem:

1.ª Reclusão contínua e solitaria, cada preso tem a sua cella; 2.ª grande numero de vigías para embaraçar qualquer communicação; 3.ª prohibição de ver os parentes ou amigos, e de receber cartas, exceptuando casos rarissimos; 4.ª não é admittido o castigo dos açoites, em logar d'estes os presos são fechados em cellas escuras, ás vezes em jejum e com ferros; 5.ª nenhuma recompensa por bom comportamento; 6.ª visitas frequentes de pessoas encarregadas da instrucção moral.

III. O sistema da Virginia é mixto; ahi se segue o da Pensilvania nos primeiros tempos de prisão, e nos ultimos o de Auburn com algumas modificações.

O sistema de Genebra ou Europeu, é quasi o de Auburn com as seguintes alterações.

1.ª O producto do trabalho é dividido em tres partes, a primeira pertence ao governo, como indemnisação da despeza, a segunda é entregue ao preso semanalmente para o empregar no que lhe approuver, com prévia licença; a terceira guarda-se para ser dada ao preso quando saír da prisão; 2.ª o bom comportamento é recompensado com a transferencia para uma classe mais bem tractada; 3.ª não ha castigos corporaes; os castigos só consistem em não passear, em não receber dinheiro, em não ver os parentes ou amigos, em estar fechado ás escuras ou com luz, trabalhando ou não, com ferros ou sem elles; 4.ª varias classificações segundo o bem ou máu comportamento; 5.ª eschóla diaria para os que não sabem lêr; 6.ª instrucção moral e religiosa, base principal do sistema; 7.ª licença para virem pessoas de fóra dar conselhos e consolações; 8.ª o dinheiro á saída é entregue nas mãos dos presos, ou remettido aos chefes dos municipios para onde elles vão residir, ou ás sociedades de patronato nos logares em que estas existem.

Estas sociedades são instituidas para vigiar e proteger os que saem das cadêas.

(Communicado.)

MONUMENTO E A ESCHÓLA POLYTECHNICA.

1858 Um artigo destinado a refutar o que ácêrca d'esta importante questão eu escrevêra no n.º 38 da Revista começou a apparecer no jornal *o Correio*. Pela fórma em que está escripto merece attenção e resposta. Tel-a-ha, e plenissima: plenissima se não me engana a persuasão, em que estou de que essa causa que defendo é a da philosophia, da civilisação, do Christianismo, d'isso a que Guisot chama o aspecto poetico da historia, e finalmente a causa do senso-commum.

Nunca esperei receber na minha vida uma tão longa licção de exegese. Se a valia não é grande pela substancia, é o pela extensão, e pelo stylo. Não sei se o auctor foi levado a fazer um tão largo commentario pelo temor de que eu, novo Juliano Apostata, tentasse dar em terra com o magestoso edificio da religião. Se foi, peço-lhe que se tranquilise. Passarão muitos seculos por cima dos meus ossos e a cruz ainda ha-de hastear-se triumphante sobre a terra. Não a tem derribado as tempestades: não tema tambem que um verme, que nasceu para logo morrer, podesse fazel-a tombar do seu pedestal eterno.

A verdade é, ao menos assim me parece, que o digno auctor do artigo accreditou, que eu me tinha collocado em uma situação falsa: que estava em contradicção com o evangelho, e que por isso devia aproveitar uma coisa que na questão era um incidente, e convertel-a em parte integrante d'ella, para d'ahi tirar alguns epigrammas e diversas amplificações, que o são quasi todos os periodos do meu respeitavel adversario, ainda que elle o não queira.

¿E d'onde nasceu esta persuasão que o induziu a começar tão infelizmente um artigo, que talvez seja uma obra admiravel? Nasceu, perdoe-me elle, do errado presupposto de que o evangelho se póde estudar em qualquer fragmento de citação, posta á frente de livrinho francez de estrêas annuaes, ou d'algum folhetim de Julio Janin. Estas fontes podem-se aproveitar, por exemplo, quando queremos citar versos de um poeta que nunca lemos, e cuja lingua não intendemos. Ás vezes a compra sae avariada, mas é mais barata, passamos por eruditos, e a coisa não tem consequencias. O espirito do Christianismo, esse é que não se colhe de relance no tôpo de um capitulo de romance; estuda-se na Biblia, que é volume mais grosso e pesado que os lindos nadas da critica de folhetim; estuda-se nas obras dos Padres, e nas tradicções da egreja. Sinto dizel-o, para apostolo tão fervoroso o meu adversario está, se não analphabeto no cathecismo christão, ao menos muito esquecido do que elle ensina.

¿Que disse eu? Que a *doctrina de Jesus* era converter a pedra em pão; em pão do corpo, e em pão do espirito. ¿Será isto verdadeiro ou falso? ¿Em que se resume toda a doctrina moral do Christianismo? No sermão da montanha, o qual tambem vem resumir-se na idéa fundamental da crença do Calvario: — a charidade. ¿A charidade, porém, em que consiste? Em fazer por Deus todo o bem aos homens, tudo o que lhes póde ser *util*; corporal, intellectual e moralmente. ¿E quem seguirá a doctrina do mestre: — aquelles que applicarem os seus haveres, as suas forças, ou a sua intelligencia á esmola — e esmola é tambem a educação que melhora os costumes — ou aquelles que desbaratam tudo isso para fazer triumphar uma idéa absurda, sem proveito humano, pagã, mesquinha e insensata? ¿Quem intende o espirito do evangelho: — aquelle que á obra humana pertende associar um pensamento de civilisação e de beneficencia — ou aquelle que a pertende exclusivamente dedicada não tanto á

gloria alheia como á propria vangloria? No meu christianismo, que me parece ser o dos apostolos, e das tradicções christãs, é incontestavelmente o primeiro.

As reminiscencias do meu adversario armaram-lhe um laço cruel. Lembrou-se de duas passagens do Evangelho de que eu não fallára, e esqueceu-se completamente d'aquillo a que eu alludíra — a *doctrina de Jesus*. ¿Pois esta doctrina está em duas passagens singulares relativas a duas circumstancias especiaes em que o Salvador se achou, ou no complexo dos seus preceitos, das suas sentenças claras e positivas, dirigidas ao genero-humano? ¿Que se diria d'aquelle que valendo-se das palavras de Jesus: *Não vim trazer a paz, mas a espada*, concluisse d'ahi que o espirito do christianismo era o promover os grandes assassinios collectivos entre as nações, chamados guerra? Não quero dizer eu do auctor do artigo o que se diria d'esse homem, isto é que nunca tinha lido o Evangelho.

Serviu-se o diabo na tentação do deserto das palavras pão e pedra no sentido natural: servi-me eu d'ellas casualmente no sentido figurado. D'aqui concluiu o meu adversario, que eu attribuia a Jesus doctrinas oppostas ás suas. Confesso que não sei responder a isto: tanto como o meu impugnador desceria a responder-me, se, argumentando das phrases francezas do seu artigo, de que se poderia servir por seiscentos motivos diversos, concluisse d'ahi que elle era francez e não portuguez.

Mas já que foi buscar duas passagens do Evangelho para me provar que eu não tinha razão em querer um monumento-eschóla, não serei tão descortez que lh'as regeite. Venham esses passos, que servem maravilhosamente ao intento. Muito velho era o diabo quando Jesus veio ao mundo. Era velho e manhoso, e d'isso não faltam provas. Diabo parvo ainda ninguem imaginou. Logica devia sabel-a: um rapaz aprende-a bem n'um anno: melhor a devia ter aprendido Satanaz em tantos seculos. Sabia tambem que esse a quem tentava era um Deus. Posto isto, ¿que fez elle? Fez-lhe um argumento *per te*, que se póde exprimir assim syllogisticamente:

O Filho de Deus converte as pedras em pão:
Tu dizes que és Filho de Deus:
Logo converte as pedras em pão.

¿Que respondeu Jesus? Que o homem não vive só de pão, mas *tambem* da palavra de Deus. Distinguiu; não contestou a maior nem a menor; e disse sublimemente o que eu homem rude repeti grosseiramente. O pão que elle dava aos homens era o do corpo e do espirito; eram *tambem* os corações de pedra, as intelligencias broncas ou pervertidas que alimentava com a luz, com o verbo de Deus. E de feito foi este proceder que o divino Mestre deixou como doctrina aos que pertendessem seguir o caminho da cruz. Agora; ¿quem intenderá o pensamento do Crucificado, aquelles que pugnam pela eschóla que allumia e moralisa, ou os mantenedores da pedra bruta que não é alimento nem do corpo nem do espirito? Responda quem quizer.

Se o meu illustre impugnador foi infeliz em se valer da historia da tentação no deserto, não o foi menos no texto que buscou para epígraphe. Judas era um hypocrita que pertendia enganar Jesus. ¿Invocando a *utilidade* dos homens contra a acção de Maria que derramava o balsamo sobre os pés de Christo, sejam as doctrinas dos Phariseus, dos Saddu ceus ou dos Essénios, que invocava, ou a do Redemptor? A não o termos por um mentecapto só esta podia ser; e que só esta éra se torna evidente da resposta de Jesus. Nas vesperas do dia, em que o Filho do Homem devia ser crucificado, acceitava de bom animo o testimunho de affeição que lhe dava Maria. ¿De que modo desculpou elle a irmã de Lazaro? ¿Negou a doctrina que Judas invocava? Não, por certo; não podia fazel-o. Teria condemnado a sua vida passada, teria desmentido o verbo do Pae. O que fez foi confundir o hypocrita recordando-lhe que elle Jesus era um Deus, que os ia deixar, e que n'este momento solemne aquelle signal de affecto fôra uma boa obra; porque fôra a charidade no seu mais alto sentido, — fôra o amor de Deus.

Era com a charidade na sua expressão ideal que Jesus confundia o hypocrita, como confundíra o demonio, que pensava o podia levar pela soberba a fazer um milagre escusado, com a expressão mais pura do beneficio, lembrando-lhe que o homem não precisa só do alimento do corpo, mas tambem do alimento do espirito.

¿Que fazem, pois os que abusam das palavras de Christo em circumstancias especiaes para condemnarem a sua doctrina? Fazem o que faziam Satanaz e o hypocrita, que abusavam d'essa doctrina, um para o tentar pela soberba, outro para blasphemar da charidade para com Deus á sombra da charidade para com os homens.

Os que condemnam a obra da illustração para defender a obra bruta, condemnam as palavras com que o Messias repelliu o tentador. A eschóla, que instrue e civilisa, é tambem um instrumento religioso, porque a civilisação nasceu do christianismo, e trabalha para elle afugentando as miserias e vicios humanos, que na maxima parte não são mais que habitos ou tradicções da barbaria. A eschóla, que revela as grandezas de Deus nas condições do universo, e que ensina os meios de ser laborioso e util aos homens, tambem é um verbo de cima. Aquelle que intender as harmonias dos mundos, ha-de forçosamente crer em Deus; aquelle que pela sciencia obtiver os meios de ser laborioso com utilidade, sel-o-ha e será virtuoso, porque a virtude é por via de regra a companheira do trabalho.

¿Quem é o alliado do Iscariotes e de Satanaz: — eu ou o meu antagonista?

Aconselho-o sinceramente a que se deixe de considerar o negocio da sua publica-fórma do mote do exarcha romano pelo lado religioso. O estudo do Christianismo não é o seu forte. Não me cite o Evangelho que eu conheço um pouco melhor do que elle. Cite-me antes Shakspeare.

Ficarei na questão incidente. Publique-se o resto do artigo e então verei se na questão principal posso luctar com tão duro athleta. N'essa occasião tractarei do que n'este começo publicado se encontra relativo já á folha avulsa do livro de Montfaucon, que se pertende transmutar em pedra e transferir da Bibliotheca para o Rocio. *A. Herculano.*

P. S. N'este momento acaba de me chegar á mão o resto do artigo do *Correio*. Para não occupar demasiadamente as columnas da Revista com este objecto fique esse resto para outra vez. A mina é riquissima. *Evangeliso vobis gaudium magnum, quod erit omni populo.*

Ajuda 23 de junho.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

O PRIOR CAPITÃO.

30 *de Junho de* 1620.

1859 Legoa e meia da villa de Torres Vedras, e um quarto de legoa do mar occeano, foi fundado em mui remotas éras um mosteiro da Regra de Sancto Agostinho. O logar ermo, e bravio, qual convém aos que professam o instituto de *Eremitas*, convidava por isso mesmo os piratas, mui frequentes n'aquella costa, a fazer alli suas aguadas: e por occasião d'ellas, para não darem por perdido o tempo, aproveitavam todo favoravel ensêjo de tomar algum gado, ou captivar alguns pobres pescadores, que os servissem em seu tão penoso e arriscado tráfego. — D'uma vez (e era a 30 de junho de 1620) saltam de uma lancha quatorze moiros, e sem mais demora se partem a investir o solitario mosteiro.

Não se appressaram porém tanto, que não corresse mais que elles a fama de sua ida. Os religiosos commungam logo o Sancto Sacramento, escondem o melhor que podem a prata da egreja; e como o caso não dava logar a fazer-se o costumado signal de rebate, a que eram já affeitos a acudir os lavradores visinhos, para repellir similhantes, mas sempre de balde intentados, accommettimentos; d'esta vez só esperam salvação na fuga, e por esses matos se embrenham para a parte de Torres Vedras, com determinação de se metterem na villa, se os barbaros os seguissem.

«Só ficou em casa (continúa o chronista da propria Ordem dos Eremitas de Sancto Agostinho) um Religioso Diacono, por nome Fr. Roque da Gama, mancebo de muitas forças e animoso. Este, acompanhado de alguns lavradores, que se tinham acolhido a sagrado, lhes saíu ao encontro com tanta felicidade, que brevemente os captivou a todos, sem lhe escapar um de quatorze, que eram, sendo os lavradores, que o acompanhavam, sómente quatro, ou cinco; e os prendeu a todos, atando-lhes as mãos atraz das costas com os mesmos cordeis, que elles comsigo traziam para prender e atar os Religiosos, e leval-os a sua lancha. Fez o Prior serviço d'estes moiros a ElRey para as galés d'este Reino. E manifestando-lhe o perigo, em que viviam aquelles Religiosos, mandou Sua Magestade, que houvesse no Convento uma como praça de armas para os Religiosos por si, e por seus cazeiros, e creados se poderem defender d'aquelles barbaros, e offendel-os quando intentassem infestar o mosteiro, ou aquella paragem circumvisinha. E assim fez mercê ao Convento de certo numero de arcabuzes, e lanças, e um tambor, e frascos com seus polvarinhos, que alli se guardam, e conservam para este fim, com ordem para cobrarmos todos os annos em Lisboa por conta da corôa certa quantidade de polvora, murrão, e pelouros. E porque aos povos visinhos é notorio que estes instrumentos de guerra estão depositados n'este convento, chamam alguns rusticos ao Prior d'elle, *Prior Capitão.*»

J. H. da Cunha Rivára.

FR. LUIZ DE SOUSA.

Drama em 3 actos pelo Sr. Almeida Garrett.

II.

(Vem de pag. 461.)

1860 A historia tão sabida de Fr. Luiz de Sousa, parecia posta entre as nossas tradições, para resolver um grave problema d'arte: os atavios com que um estrangeiro a quiz ornar, não sei, se despindo-a do singelo antigo lhe estragaram a ingenua belleza, em vez de a realçar: se compararmos o romance de M. Denis com o Drama Portuguez, fica, a nosso vêr, corrente esta opinião, de leve esboçada no prologo do Sr. Garrett: o assumpto que á primeira vista se afigura o mais dramatico, olhado de perto é insufficiente para se fundir n'uma Peça; a não o carregarem de côres postiças, de traços falsos, que necessariamente hão-de desmentir a verdade, que é o seu maior enfeite: o nosso Poeta, das entranhas do facto, tirou a sublime creação, que liga e enriquece a obra, conservando-lhe o mimo, o ideal, e a riqueza lyrica, depurados de matizes estranhos, que cabem mal, quasi sempre, que sempre lhe desfeiam as feições severas, prostituindo-lhe a nobreza a requebros fingidos e fóra do natural.

N'aquella edade em que os affectos e as paixões, sem se apagarem, vão mais fundos, e saltam menos á superficie, a linguagem arrebatada e as pompas de amores gastos, ridiculos já, se os pintarem com o fervor proprio de annos verdes, servem só de remendar com retalhos enviusados a téla da vida: de roubar á Tragedia a formosura graciosa, a séria compostura, para lhe substituir as lentejoilas, as bordaduras de ouropel, com que alguns bobos cegam os olhos de longe, á força de capiar as dobras variegadas do seu manto de hystriões.

Estes assumptos, que requerem a simplicidade do antigo Theatro, se lhe mudam a natureza, ficam contrafeitos; sem poesia; sem verdade: d'estes aleijões não se curam: gallas de peralvilho, espartilho hygienico, que em se desatacando larga tudo a rir, por pouco enganam; vê-se logo o estafermo torto e desenxabido, que alli anda entalado: uma coisa parecida com a ressurreição truanesca: cada almofada, cada atacador a voar da mumia, e a ossada nua que vem surdindo: depois um quasi esqueleto de Mathusalem! eis em que param os taes arrebiques, as bellezas de emprestimo!

Ora havia ter que vêr, e muito que rir, andados tantos annos de casamento o sério Manuel de Sousa Coitinho, tão reflectido, tão sabedor, e a virtuosa e casta D. Magdalena de Vilhena, sós dentro de um casarão neo-gotico, a declamar em cantoxão de frades sediços galanteios, furias apaixonadas de namoricos imberbes. Deus o levaria em conta ao auctor, que o reino do Céu é dos pobres de espirito. Tinha já o passaporte para lá.

O Sr. Garrett, com o seu gosto apurado, e alto ingenho, deu de mão a estas molas enferrujadas; cançadas de todo: viu que a melancholia resignada, a uncção religiosa, não sei que de suave e triste, que chega logo dentro, a quem lê uns trechos do melhor prosador portuguez, deviam de revelar, transparecer algum reflexo das agonias occultas d'aquelle coração robusto: d'aquella alma inteira, que se não abalou com o furacão repentino do temporal: que o affrontou

de pé, fugindo nos braços da religião á maior, á mais acerba dôr de quantas cortam chagas vivas dentro do peito.

Esta resignação, quasi sobre humana, com que se consumou o sacrificio, com que o coração curtiu, sem estalar alli, as maiores angustias, os espantosos tractos moraes, que a cada hora crescem, e o dilaceram, podia parecer demasiado sublime no Theatro, se a não precedesse um painel, aonde se pintassem ao natural as feições historicas d'aquelle nobre character: se o poeta não adivinhasse esta duvida, e lhe não respondesse com a maior acção, que viram aquelles tempos de lodosa e torpe covardia civica.

Representar o generoso e severo Manuel de Sousa Coitinho, erguendo-se recto e firme no meio de tanto arbusto enfesado, que levantára a cópa ousadamente, e se vergava agora servil ao sopro lisongeiro do Escurial: mostral-o a pagar á sua custa a divida honrada de um reino inteiro com a maior licção, que nunca um homem só déra a uma terra, e a uma gente degenerada, a estrangeiros, e a estrangeirados, ainda peiores cem vezes; pôl-o deante do mando absoluto dos governadores, a resistir-lhe, ao passo que o célebre defensor de Diu, D. João Mascarenhas, com os pés dentro da cova estendia a mão para acceitar o preço da infamia, por que vendêra Portugal a Castella; e fechar o quadro com aquellas palavras tão portuguezas, tão verdadeiras no meio do incendio; largar-lhe de corrida os tristes presentimentos de D. Magdalena deante do retracto a arder, aquelles sustos e agoiros tão proprios de mulher que se teme, sem poder dizer de que, tudo fallado em dialogo singello, natural, sem poesia de emprestimo nas palavras, sem as imagens altisonantes, que só apparecem para esconder a pobresa lyrica das situações, do pensamento, e do fundo do Drama; tudo isto prova que o auctor, e já o tem mostrado assás, conhece profundamente os misterios do coração humano, das contradicções perennes dos affectos: — é vêr de mui alto as combinações mais sublimes da arte, encarnal-as na natureza, olhal-as á luz da épocha, e correr-lhe um pincel facil, delicado, e gracioso como o do Corregio, que deita a fugir os toques magicos, quasi sem ostentar que os sabe. É possuir até nos relevos menos apparentes, nos que só aventuram com felicidade grandes ingenhos a verdadeira perfeição, que não faz galla do primor, dos esmeros embelesados de correcção miope, que não são, nunca podem ser de mestre.

Na desgraçadissima batalha de Alcacer Kebir, em que os areaes d'Africa beberam o sangue da flôr da nossa nobreza, caíu tambem D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena: as diligencias e indagações, que arriscou, por aduares de moiros, por bazares de escravaria, sua esposa, para descobrir se acaso gemia captivo e perdido entre tantos e nobilissimos cavalleiros, que se desfarçaram por não accrescentar o resgate, provaram claramente, que o alfange dos filhos do Islam cortára com o cedro real um dos mais robustos guerreiros que o defendiam, n'este duéllo entre duas crenças: — entre a velha Europa e a soberba Africa — o cadaver de D. João a par do rei, lá ficára como penhor da victoria, exposto ao sol abrazado dos sertões: pelo menos todos o accreditaram: já não era crime o amor ardente que D. Magdalena tinha a Manuel de Sousa Coitinho, amor sumido dentro da alma, calado sempre, e que então, só então se revelou: casaram: e nunca, por largos annos, um vislumbre de suspeita lhes envenenou as alegrias d'este viver tão innocente e socegado.

A volta de D. João ao reino, e a separação dos dois esposos, sendo como é um lance essencialmente tragico não basta só por si para dar um drama: intertecer-lhe lavores estranhos; correr-lhe tres passes de espada preta, especie de *imbrocata* ou *punto riverso*, com que os modernos Vicentios Saviolus da esgrima theatral cortam as difficuldades: deitar-lhe por cima uns enredinhos á Lope da Vega era estragar o assumpto e crear uma pessima obra: o Sr. Garrett apartou-se sem ceremonia dos sansculotes do romantico tonto, e dos estafermos classicos, que para tudo tem promptas as suas dózes homæopathicas: voltou-se para a simplicidade da Tragedia grega, sem beaterio, e com as situações moraes, com os sanctos affectos, com a virtude singella e limpa de arrebiques, alcançou o maior triumpho. — O terror e a compaixão, a lyrica mais profunda, os grandes lances das paixões reaes da existencia, repassaram-se-lhe debaixo dos dedos de um ar, de uma côr, de um natural tão Portuguez, tão verdadeiro e tão do coração, que n'aquelle auditorio escolhido, aonde leu a sua Peça, nem um rumor, nem um lançar de olhos, se percebia: a tragedia moderna, á vista do seu Fr. Luiz de Sousa, já ninguem dirá que é impossivel: achou-a, é sua. Oenschellegel, no Antonio Allegri, Schiller, e ultimamente um poeta francez de fama, já tinham demonstrado, que se podia fazer: mas, e não se estranhe á conta de vangloria, o que os intendidos sabem que é justiça rigorosa, aquelles escriptores parece que se dão mais á imitação das fórmas, do que a sondar com o prumo da boa critica, o fundo da poesia grega: o nosso poeta intendeu-a, e soube transplantal-a: os presentimentos, os agoiros, a tradição e as glorias nacionaes, que aproveitou com tanto primor, dão-nos um retrato mais fiel do sentido da arte antiga do que a copia mais ou menos livre do seu theatro, na parte plastica.

Foi por isso que tomando para primeira luz do quadro, não a separação dos dois esposos pela volta de D. João, mas as consequencias que d'ahi resultavam a uma filha unica, creada entre tanta meiguice, e tão estremecida de ambos, suppria com o interesse d'esta situação sublime a falta de acção do facto principal. Disseram ahi que era meio velho, usado já no theatro grego! Desde que ha mundo ha amor de pae, mas a expressão, as circumstancias, o nó que este desaperta é o mais perfeito, original e profundo que até agora nos apresentou o theatro.

Aquella filha, pura rosa virginal, ainda em botão traz já no seio a morte: vae murchando a pouco e pouco nos braços da mãe, diante dos olhos do pae: e não o percebe a innocente: a febre devora-a lentamente: cada dia desprende uma folha, e adianta um passo tremendo para o tumulo: aos treze annos em que a vida se desata tão florida de esperanças, em que se alarga descuidada por futuros doirados a d'ella vê a campa a vacillar erguida, e ao despedir da estação das flôres, mais esta flôr irá dormir com as outras no frio berço da morte: e todavia nem o suspeita: como acontece na ptysica tem uma fé viva de que não padece: adivinha coisas, que espantam na

sua edade: solta uma ligeira ironia de creança, um riso que despedaça, um talento, um acerto, uma agudeza que é como o ultimo lampejar da alampada quasi extincta. N'este character tão novo e difficil, o Sr. Garrett copiou a natureza, estudou, sentiu profundamente esta contradicção, que punge, que dilacera: a vida quasi apagada que se abraça com o mundo e não descobre o sepulchro que a chama. — O contraste é mais lyrico, mais melancholico, e commove mais do que as tristezas e os suspiros do que se despede da terra, porque já antevê a morte.

E sobre a dôr dos paes, que a vêem caminhar para lá a realidade, que se levanta entre elles para os arremessar do meio da existencia amena, que levavam para a solidão do claustro, aquella separação, aquelle ferrete de infamia, que a sociedade vae pôr na frente candida da filha dos seus amores: as scenas mais tragicas que conhecemos, as do 3.º acto do Sr. Garrett, em que o pae tão estremoso sente uma alegria horrenda ao contar os instantes que medeiam entre o cair da ultima folha do lyrio, e a hora em que tem de se consumar o seu suicidio moral: aquella hesitação, aquella luta cruelissima, que remata na capella com o ultimo suspiro do anjo que voou para o regaço dos outros anjos.

Que nos digam se ha lances mais sublimes do que este padecer de horas, que compreende todos os supplicios possiveis: exemplo maior de resignação, poesia mais intima do que as ultimas palavras, que fecham o drama, saídas da alma diante do cadaver da filha e ao pé da triste mãe!

Todo este acto é o maior esforço dramatico de que temos noticia: os affectos, os contrastes, a scena de Telmo Paes com o Perigrino, o equivoco d'este ao ouvir as vozes de D. Magdalena: as esperanças e apêgo que ella tem a seu esposo, a força de animo de M. de Sousa, são bellezas que rara vez saem tão perfeitas da mesma mão; a ultima scena que resume o drama, que o moralisa, é scena em que a victima vem morrer de vergonha e de dôr, não se imita nem se pinta: escreve-se só uma vez.

L. A. Rebello da Silva.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1861. O levantamento de HISPANHA continúa a propagar-se. O regente proclama aos povos, mas em suas proclamações transparecem, por entre algumas phrases ainda altivas, symptomas claros de duvida e receio: sem embargo o lance é d'aquelles desesperados, em que se deve ousar tudo: poz-se á frente de tropas e saíu para Valencia. ¿Será elle mais feliz que o seu fiel Zurbano, cuja victoria mais recente foi a vergonhosa capitulação de *Reus*, e de cujos soldados dois terços o desampararam já?

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1862 *Diario do Governo de 20 de junho.* — Carta de lei sobre contribuições municipaes — Portaria mandando que os governadores civís façam examinar pelas auctoridades administrativas, todos os titulos de credito das irmandades e confrarias dos seus districtos.

Idem de 21. — Portaria para que o governador civil haja da camara municipal uma informação circumstanciada de todas as providencias, que existem, sobre incendios.

Idem de 23. — Ordem do exercito n.º 22. — Carta de lei estabelecendo dois curadores de orphãos na cidade do Porto.

TRISTE DESFECHO DE UMA FESTA.

1863 Na vespera de S. João uma familia, moradora na travessa da Conceição, á Praça das Flores, festejava no seu quintal com musica, dança, e um lindo fogo de artificio o sancto, cujo nome tinham o dono da casa e um seu filho. Sobre um muro do quintal estavam alguns curiosos, que, não convidados, haviam subido a elle por uma escada de mão a tomar parte na festa alheia. Já uma ronda, que passára, os havia obrigado a descer-se, mas tinham voltado, e não davam mostras de querer retirar-se. Concluido o fogo o dono da casa, que até alli relevára callado, o estarem-lhe estranhos devassando a sua festa doméstica, chegou-se a elles cortezmente, e lhes pediu, que se retirassem. Desobedecido e desattendido com palavras, intimou-os novamente e com mais energia: — a resposta foi uma paulada de cima do muro que lhe abriu a cabeça. Toda a sociedade se põe em tumultuoso movimento. Um dos filhos do ferido abre a janella do muro para a rua, e dá sobre os provocadores, emquanto seu irmão corre á proxima estação municipal a pedir socorro, que não tarda; o espancado, o seu vingador e um dos cavalleiros do muro, o proprio perpetrador da malfeitoría, foram presos. Este acha-se no *limoeiro*, os outros dois foram, passadas poucas horas, restituidos á liberdade.

INCENDIO.

1864 A imprensa e morada do Sr. Albino Abranches de Figueiredo, proprietario e redactor do Portugal-Velho, foram consumidas de um violento incendio em a noite de S. João. O fogo parece haver casualmente nascido em um palheiro proximo. O administrador da typographia escapou d'entre as chammas vivo, mas tão maltractado que receam não escape. — O Sr. Figueiredo e a sua familia evadiram-se com o que tinham sobre o corpo. O archivo da folha, livros de matrícula de assignantes etc. pereceram. Sem embargo a publicação do Portugal-Velho não foi interrompida.

IMPORTANTE DENUNCIA Á CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA.

1865 Na antemanhã de S. João passando um sargento juncto ao arco da rua, que do *arco do marquez* se denomina, viu perto do boqueirão do cano alvejar sobre a calçada um vulto; aproximando-se a reconhecel-o, achou que era um menino morto, que alli jazia nú com um farrapo de sáia velha por cabeceira. Correu a dar parte á visinha estação municipal, d'onde se mandou uma sentinella para velar sobre o achado no proprio sitio, até que, avisadas as auctoridades, acudissem a tomar conta n'elle e intender nas diligencias do seu officio.

N'este infanticidio muitas circumstancias concorreram aggravantissimas. A creança, que era alva de leite e linda como a innocencia, parecia ter já mezes. A morte fôra-lhe dada com estrangulação e um golpe no pescoço, e, segundo se póde presumir, a intenção de seus assassinos fôra lançal-o no asqueroso sumitorio d'aquelle cano, já infamado por muitas antecedencias similhantes, de que todo o bairro está lembrado.

A camara mandou vedar aos tentados de suicidio a tentadora paragem das *Aguas Livres*, esperamos, que, sabedora d'estoutro aso de ainda peiores maleficios, não tardará em o desfazer, gradeando de ferro ou pedra, ou condemnando, segundo melhor se lhe antolhar, a entrada do boqueirão, que Deus sabe de quantas victimas não terá já sido cemiterio e encobridor.

REQUERIMENTO VIVO ÁS PORTAS DAS CÔRTES CONTRA O SUICIDIO.

1866 A 17 de tarde um homem de jaquêta, mas aceado, e com sua apparencia de embarcadiço, depois de passear algum espaço por entre as arvores do terreiro das côrtes, chegou-se para o parapeito, que deita para cima do chafariz, e começou a apertar no pescoço a manta de lã, que n'elle trazia, com tamanha gana e violencia, que deu comsigo em terra. Acudiram os soldados da guarda do palacio, e acharam-n'o já com a lingua de fóra e sem sentidos. Tornou em si, e foi conduzido para o hospital dos alienados.

Ignoramos quem fosse, e as causas que o obrigaram áquelle desatino.

TREPULIAS TAURINAS.

(Carta.)

1867 *Sr. Redactor.* — Como vejo que este anno se repete a teima brutal das corridas dos toiros, julgo que não será fóra de proposito a seguinte noticia.

As manadas dos toiros passam o Téjo muitas vezes, e não só n'estas, mas em muitas outras occasiões, estes se dispersam e fogem, levando a destruição ás searas e vinhas, e causando a muitos lavradores perdas consideraveis. De um sabemos nós, que ha pouco tempo viu esmagadas pelas patas de uns poucos de toiros as cêpas que lhe renderiam mais de vinte pipas de vinho. Estas perdas repetem-se a miudo e pedem promptas providencias. Lembraremos uma; — impôr uma multa aos creadores de toiros por cada um que entrar na propriedade alheia, devendo o mesmo creador ou dono, pagar além d'esta quantia as perdas e damnos que o seu animal houver feito: e ainda que as não haja (o que poucas vezes acontecerá) deverão pagar a multa, que reverterá, em todos os casos, em beneficio dos expostos do conselho.

Bem sei que tudó isto é prégar no deserto, porque ahi andam muito contentes da sua vida os ladrões de gravata lavada, armados de tesouras, retalhando a pobre propriedade litteraria, sem que até hoje se cuidasse seriamente em castigar esses gatunos descarados: e portanto não admirarei que deixem continuar a subsistencia e a vida dos desgraçados lavradores a estarem dependentes das patas dos toiros e do pouco juiso de quem os consente, mas por descargo de consciencia escrevo a V. estas linhas, em que só considerei a questão dos toiros *materialmente*, isto é em relação aos prejuisos pecuniarios; porque abundando tanto esta era em *materiaes*, quiz vêr se um prejuiso, que se póde avaliar em cruzados novos, lograria consideração.

Sou de V.
Attento venerador e criado
R. S.

MALFEITOR PRESO.

1868 Diz o *Periodico dos Pobres do Porto*: — «que no dia 9 do corrente entrára preso para a Relação daquella cidade, *Joaquim de Almeida Carneiro*, da villa da *Rua*, comarca de Moimenta da Beira, que n'aquelle juizo se acha culpado por varios roubos, ferimentos e assassinios.»

Por esta occasião nos lembra perguntar em que para o processo dos tres façanhosos réus, *Manoel Pires*, por alcunha o *Russo*, *Nuno da Silva*, e *Luiz Minhoto*, que, haverá um anno, foram no jury de Moimenta da Beira sentenceados, — os dois primeiros a lhes serem cortadas as mãos e as cabeças pelo algoz, o ultimo a degrêdo de 16 annos, — e que d'aquelle tribunal foram remettidos para a Relação do Porto. A mesma pergunta fazem comnosco todos os que leram o nosso artigo 806, publicado a 15 de Septembro do anno passado.

COINCIDENCIA NOTAVEL.

Com annuencia do *Patriota* tomamos do seu numero 89 a seguinte noticia:

1869 «No dia 2 do corrente pelas duas horas «da tarde teve logar a reunião das senhoras que com«põem a commissão administrativa do asylo de 1.ª in«fancia, para effeito de se preencherem alguns loga«res de alumnos vagos; achavam-se á porta do edificio «duas pobres mulheres lamentando a sua desgraça, e «pedindo que lhes admittissem suas creanças; mas «por que houvesse 35 requerimentos de differentes «pertendentes para o mesmo fim, resolveu a commis«são, que na conformidade dos estatutos, a sorte de«cidisse os que haviam d'entrar: — a sorte recaíu nas «duas creanças das duas infelizes mulheres, que se «achavam á porta do estabelecimento!!!»

VOCAÇÃO TEMPORÃ.

1870 A 13 do corrente, uma menina de 13 annos, desapparecida da casa paterna, era procurada juncto ao *bairro alto* em um covil de mulheres perdidas, para onde suspeitavam que tinha ido. Havia alli soldados, justiça e ajunctamento de povo; mas as cidadãs resistiam ás pesquizas que se intentavam fazer, e, com as portas e janellas fechadas, mantinham a inviolabilidade do seu asylo. Verdade é que a final se reconheceu que a fugitiva não parava em seu poder. O pobre pae não cessou ainda de a procurar, mas baldadamente. As suas lagrimas e queixumes não só do amor paterno dão testimunho, senão que provam, que o sentimento da honra, que os espadachins presumem ser exclusivo da gravata lavada, é tão natural e urgente na classe infima como em qualquer outra, e muitas vezes talvez mais ainda n'ella.

RELAÇÃO DOS RÉOS DEFINITIVAMENTE SENTENCIADOS A DEGREDO PARA CABO-VERDE, QUE EMBARCARAM A BORDO DA ESCUNA FARO EM 30 DE MAIO DE 1843.

1871 Antonio Lourenço, de 18 annos, para Cabo-Verde perpetuamente por crime de morte, sentenciado em 22 de janeiro de 1841.

Estevam José de Sancta Anna, de 34 annos, para Cabo-Verde por 6 annos por crime de homicidio, sentenciado em 7 de julho de 1842.

Francisco Telmo Foutoura, de 46 annos, para Cabo-Verde perpetuamente por crime de morte, sentenciado em 9 de março de 1842.

João Fernandes, de 40 annos, para Cabo-Verde por

5 annos por crime de morte, sentenciado em 17 de março de 1842.

José da Costa, de 30 annos, para Cabo-Verde por 3 annos por tentativa de furto, sentenciado em 25 de maio de 1842.

Mattheus Fagalde, de 37 annos, para Bissáu por 20 annos por crime de moeda falsa, sentenciado em 20 de abril de 1842.

Theotonia Emilia Vidigal, de 35 annos, para Cabo-Verde por 6 annos por crime de homicidio, sentenciada em 7 de julho de 1842.

Vital Vieira, de 60 annos, para Cabo-Verde por 10 annos por crime de furto, sentenciado em 11 de junho de 1842.

BRANCAS.

1872 Em uma carta á *Restauração* relata o juiz de direito de Tavira dois casos de superstição popular, dignos em verdade de ser vulgarisados.

As bruxas, feiticeiras, ou, conforme a nova phraseologia, *brancas* estão, segundo o magistrado, muito em moda n'aquella provincia. Muitos exemplos o comprovam, mas eis-aqui os mais recentes.

Pelos principios de abril José Viegas, do casal da *Soalheira* de Valle da Murta (na serra) freguezia de Sancta Maria do Castello da cidade de Tavira, sente á meia noite baterem-lhe á porta, e perguntarem-lhe por seu filho. Julgando que lh'o vem buscar para soldado, abre. Tres ou quatro furiosos, precipitando-se sobre a familia a espancam, — e deixando-a amarrada, desapparecem levando a mulher do dono da casa para um sitio affastado, onde a titulo de bruxa ou *branca* a deixam por morta.

Ao escurecer do dia 20 do mesmo mez, quando já a infeliz começava de restabelecer-se, tornam por ella, arrancam-n'a segunda vez ao seu cazal e á sua familia, e segunda vez a maltractam com golpes principalmente na cabeça, com que ficou para render a alma. A sua pertinacia em querer ser *branca*, — diziam elles, — era a que lhe atraía aquelle castigo.

Não pagos com o primeiro auto-de-fé, estes inquisidores por vocação, correm em procura de outra victima. Ás duas horas depois da meia noite Joanna de Jesus, de quarenta annos de edade, é arrebatada do casal da *Malhada do Tição* ao leito do seu marido e aos braços de seus tres filhos, a cujo mais pequenino ainda dava de mamar; arrastada a pequena distancia da habitação, e tractada por modo, que, feita pedaços, pouco depois era finada, não lhe chegando a vida para mais do que declarar — que a matavam pela dizerem socia na bruxaria da outra da Soalheira, que já deixavam castigada.

Sobre ambos estes factos procederam as auctoridades ás investigações de seu officio; porém a 28 de abril data da carta, nada se havia ainda descoberto sobre quem fossem os perpetradores do maleficio.

Se um jornal não fosse e não devesse ser um livro para o povo, nada accrescentariamos; como porém o deve ser e o é, faremos, segundo o nosso costume, alguma breve reflexão para proveito dos menos instruídos. O contar só é parte do mistér do escriptor publico; com o ensinar é que elle se completa; se todo se cifrasse no contar qualquer *barbeiro* ou *senhora visinha* supriria a uma redacção.

A dois generos capitaes se reduzem as abusões relativas a demonios, contra as quaes são egualmente interessadas a philosophia, a politica e a religião. — A philosophia porque detesta os absurdos, — a politica porque deve reprimir os crimes, — e a religião por uma e outra causa.

As primeiras d'estas abusões são a demasiada crença no poder dos demonios sobre as creaturas humanas: — as segundas a fanatica e impia credulidade do poder humano sobre os demonios.

Só fallaremos aqui d'esta segunda. As bruxarías, feitiços, magías, e quaesquer outros meios sobrenaturaes, com que auxiliado pelos demonios se presume que alguem póde descobrir arcanos do futuro ou do passado, mudar o curso natural dos acontecimentos, ou effectuar maravilhas de qualquer genero, que sejam, são em todos os casos falsidades ridiculas, tão reprovadas pela theologia como pela philosophia. Nenhum pacto voluntario se póde dar entre os homens e os espiritos réprobos, por onde os primeiros obriguem aos segundos a servil-os. — A ignorancia de uma parte, da outra a velhacaria produziram em tempos tenebrosos e barbaros essas crenças absurdas e as vieram trazendo vivas até aos nossos dias.

Se os codigos criminaes comminaram sempre penas contra os praticantes de taes obras; se alguns auctores ecclesiasticos respeitaveis, se alguns concilios os condemnaram; se muitos tribunaes, assim religiosos como profanos, sentenceararam réus por taes malfeitorias; tudo isso deveu unicamente significar, que n'esses actos havia uma parte altamente condemnavel como anti-christã e anti-social; mas essa parte não era o pacto de trevas, que não existia nem podia existir, mas sim o abuso, que se fazia dos intendimentos fracos e incultos, e muitas vezes tambem das idéas e objectos sagrados, que se fingiam tomar por instrumento de obras, que só por uma velhacaria refinada se consummavam. N'este sentido o que se dá por feiticeiro merece em verdade um castigo severissimo.

Aos bispos e parochos toca extirpar á força de explicações e paciencia esta credulidade absurda e perigosa; e ás auctoridades profanas diminuir entretanto pela força os fructos d'ella. Toda a mulher, que a si mesma se dá por bruxa, merece que a policia empregue toda a severidade para lhe tirar a prenda: toda aquella porém, que sem culpa sua alcançou tal titulo, deve ser pela mesma publica auctoridade protegida contra as violencias brutas dos assassinos por fanatismo. Todas as nossas provincias offerecem mais ou menos exemplos de uma e outra coisa; mas a do Algarve é a que mais attenção está requerendo aos chefes politicos e espirituaes.

SACRILEGIO.

1873 Da *Coallisão* transcrevemos o seguinte: —

«Na noite de domingo para segunda-feira 19 do corrente, entraram os ladrões na capella de Nossa Senhora da Conceição da Foz, aonde roubaram lampada, castiçaes, toalhas, e o mais que encontraram. Espedaçaram os dedos a Nossa Senhora para lhe tirarem um anel que tinha; e depois deixaram a imagem de Sancta Eufemia com um castiçal velho sobre a cabeça no buraco por onde effectuaram a entrada.»

JOGO.

1874 As casas de jogo escandaloso continuam a

trabalhar com grande furia n'esta cidade. Uma carta de *Braz Tizana*, no *Periodico dos Pobres no Porto* de 20 do corrente, cita a este respeito nomes e factos, censurando, a negligencia da policia e do governo em materia tão grave.

PERIGO DE VIVER SÓ.

1875 No *pateo das vaccas* á Junqueira assistia sósinho um trabalhador, que muitas vezes se andava por fóra semanas e mezes a ganhar a sua vida. Mais de um mez havia que a visinhança o não tinha visto. Suppunham-n'o por longe: — não dava cuidado. Vindo o senhorio a procural-o, talvez a buscar o aluguer da poisada, não achando novas d'elle e sentindo máu cheiro, que de dentro saía, receoso do que poderia ser, fez arrombar a porta, e deram com o pobre homem na cama, defuncto, e já pôdre.

DUELLO.

1876 O Sr. *Garrett*, orando no parlamento sobre a prisão de dois deputados, censura certa falta de delicadeza, com que ás vezes, diz elle, a força armada se porta para com os cidadãos inermes. Consta-lhe depois que attribuiram ás suas palavras intenção offensiva contra a Guarda Municipal. Apressa-se de combater esse êrro pela imprensa, e, espontânea e nobremente, elogia a disciplina da Guarda, a probidade e virtudes do seu commandante, mas, quanto á Linha, cita factos de violencia commettidos publicamente por um ou dois de seus membros. Official de Linha, o Sr. *Joaquim Bento Pereira* julga enxovalhado o exercito, e para o desaffrontar insére no *Diario do Governo* uma carta, que depois de ridiculisar, increpar e desmentir ao Sr. *Garrett*, termina com estas palavras: — «*se alguem me perguntar porque me contento com esta declaração, responderei em duas palavras; porque satisfações de outra naturesa só se exigem de quem as quer e sabe dar.*»

O Sr. *Garrett* responde para logo no mesmo jornal: —

«*Illm.º Sr. Redactor do* Diario do Governo. — *Rogo a V. S.ª o favor de inserir estas linhas na sua folha de ámanhã, lembrando-lhe que n'estes tres dias não haverá outra folha publica em Lisboa, e que, a não serem ámanhã insertas, eu seria condemnado, por todo esse tempo, a um silencio que não quero nem devo guardar sobre a carta inserta no seu numero de hoje, e assignada pelo Sr. Joaquim Bento Pereira. — Se tanto é preciso, requeiro-o em nome da lei.*»

«*Eu dei explicação das minhas palavras a uma pessoa de quem sou amigo — principalmente porque me* não foi exigida. *Se o fóra, não a dava.*»

«*O que na referida carta se diz e o que se quer dar a intender, n'este ponto e nos outros todos,* é falso.»

«*Mas* é falsissimo *sobre tudo que um homem de bem* não saiba *ou não* queira *dar* satisfação *de outra naturesa.*»

«*Eu sei o que basta, quero, sendo preciso, e estou prompto a dar satisfação de qualquer naturesa que se me peça, e que se julgue dever eu dar.*»

«*Sou de véras, etc.* — J. B. de Almeida Garrett.»

«*Quinta-feira de manhã*, 22 *de junho de* 1843.»

Sabbado 24 o Sr. *Domingos Manuel Pereira de Barros* procura o Sr. *Garrett* da parte do seu antagonista, perguntando-lhe — se acceita um duello. — Sobre a resposta affirmativa pede — lhe declare o padrinho, que elege. — O Sr. *Garrett* dá o nome do Sr. *Cezar de Vasconcellos*. Os outros dois padrinhos foram — por parte do desafiante o Sr. D. *Miguel Ximenes* — e por parte do desafiado o Sr. *José Estevam Coelho de Magalhães*. — E no mesmo dia ás 5 horas da tarde, todos os seis cavalheiros appareceram no logar aprasado, juncto aos *Arcos das Aguas Livres*, a antiga e afamada paragem dos suicidas e homicidas.

Decidiram os padrinhos que fosse o combate á pistola, á sorte, e a vinte passos.

O Sr. *Pereira*, a quem a sorte concedeu a primazía, dado o signal, dispara para o ar. O Sr. *Garrett* faz outro tanto.

O Sr. *Pereira* requereu, ao saír-lhe a sorte e depois de disparar, um tiro livre para o Sr. *Garrett*, o que lhe foi escusado pelos padrinhos, e dispensado pelo seu contrario.

«Terminado o combate — accrescenta a *Revolução de Septembro* — os padrinhos fizeram reconciliar os contendores, e um e outro trocaram então phrases, que de certo os honram muito. Um vinha defender a honra militar que julgou ultrajada; o outro veio mostrar, que não sabia recusar-se a nenhum meio de defender a sua propria.»

No publico uns approvam outras reprovam este duello. Nós só faremos uma pergunta, a que será muito difficil responder; e é a mesma que fazia um celebre mathematico francez, depois de ter assistido no theatro com a maior attenção a uma tragedia de Racine: — *¿ Qu'est ce que tout cela prouve?*

Se depois d'esta pergunta quizessemos fazer outras não nos faltaria sobre quê.

¿Era o Sr. *Garrett* offensor do Sr. *Pereira* ou o Sr. *Pereira* offensor do Sr. *Garrett*? ? A offensa do Sr. *Garrett* ao Sr. *Pereira* requeria homicidio? ¿Requeria homicidio a offensa do Sr. *Pereira* ao Sr. *Garrett*? ¿Havia ou faltava na imprensa e nos tribunaes meio legal de reparação para um e para outro?

¿Saíram aquelles dois Srs. dos pés dos *Arcos das Aguas Livres* com mais fama de valorosos de que d'antes tinham? ¿Ha alguma especie de valor em desprezar a vida, a vida que é para os bens, o que é a téla para as tinctas, base e condição primeira e indispensavel para o complexo e matiz de todo o genero de felicidades? ¿Esta vida (pondo ainda de parte as considerações espirituaes) poderá um intendimento recto arriscal-a jámais com serenidade? ¿E não podendo, que significa o sangue frio que os praticos do officio de espadachinar elogiam sempre nos duellistas? ¿Que significa em abono do exercito um tiro disparado no vento pelo desafiante? ¿E se emvez de se disparar no vento esse tiro houvesse derribado, não um magistrado (que esses póde creal-os de subito a rainha) não um deputado, (que assás e de sobejo ha quem os substitua) mas um talento insigne, um poeta de primeira ordem? ¿Quem, por um motivo pueril desfizesse essa cabeça, como poderia jámais indemnisar a sua patria das producções futuras e possiveis d'essa cabeça?

Pensem e respondam, — mas claramente, — mas sem argúcias, nem phrases empoladas, — mas em stylo, que homens, mancebos, e mulheres compreendam.

Lançamos este mote aos partidarios do duello.